

A RESPEITO DO GOSTO NAS ARTES NA FRANÇA DO SÉCULO XVIII

Renata Pereira

Universidade de São Paulo / Pós-Graduação em Música da Escola de Comunicações e Artes
Doutorado em Música

SIMPOM: Subárea de Teoria e Prática da Execução Musical

Resumo: O presente artigo é um recorte do primeiro capítulo da tese de doutorado, ainda em andamento: *Gosto ou licença? Como interpretar as suite sonates de Jacques Martin Hotteterre – Le Romain através da flauta doce*. Este texto apresenta as definições de *gosto* nas artes na França do século XVIII. O que filósofos e artistas entendiam por *gosto natural*, *gosto artificial* e o que se entendia por possuir o *bom gosto* no que tange a apreciação das obras de arte setecentistas. Essa reflexão sobre o *gosto* está inserida em um momento de transição do pensamento retórico para o pensamento estético na história das artes europeias, referencial importante para a compreensão da produção artística da primeira e da segunda metade do século XVIII.

Palavras-chave: Gosto; Arte; Música francesa barroca; Arte Século XVIII.

About *taste* in the Eighteenth-Century French Arts

Abstract: This article is an in progress first chapter excerpt of a doctoral thesis, *Taste or license? How to interpret the Suite Sonatas by Jacques Martin Hotteterre – Le Romain through the recorder*. This paper presents the taste definitions in the eighteenth-century arts in France. What philosophers and artists understood about natural taste, artificial taste and what meant for them having a *good taste* when it comes to appreciation of eighteenth-century art works. This reflection about taste is part of an important transition moment the rhetorical thought by aesthetic thought in the European Art history, important reference for understanding the artistic production of the first and second half of the eighteenth-century.

Keywords: Taste; Art; French baroque music; Eighteenth-Century arts.

"O gosto é nas artes o que a inteligência é nas ciências."¹

Durante os primeiros anos da segunda metade do século XVIII, o Barão de Montesquieu², um importante filósofo francês setecentista, preferiu complementar o verbete de Voltaire sobre *gosto*, na *Encyclopédie* ou *Dictionnaire raisonné des Sciences, des Arts et des métiers*³ editada na França durante os anos de 1751 à 1772 sob à direção de Diderot e D'Alembert, ao escrever sobre *democracia* e *despotismo*, como havia sido solicitado⁴. Isso

¹ BATTEUX, C. 2009, p. 49

² Charles-Louis de Secondat, baron de La Brède et de Montesquieu (1689-1755).

³ DIDEROT, M., D'ALEMBERT, M. *Enciclopédia ou Dicionário fundamentado das Ciências, das Artes e dos Ofícios* [Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers] Paris, 1751-1765. Acesso em 25/01/2012.

⁴ MONTESQUIEU, 2005.

talvez tenha acontecido em função do fervor das discussões sobre *gosto* nas artes e dos seus desdobramentos em todas as áreas, principalmente após a publicação do texto *As belas-artes reduzidas a um mesmo princípio* de Charles Batteux em 1746.

O último autor resumiu as discussões sobre *gosto* da mesma forma com que reduziu as regras da arte. Para ele “gosto é um sentimento que tem por objeto as obras de arte” e está relacionado às imitações da *belle nature* [bela natureza]. Além disso, “o gosto deve advertir se a bela natureza foi bem ou mal imitada.” (BATTEUX, 2009: 50).

O resumo acima nos apresenta os conceitos principais das discussões setecentistas sobre o *gosto*. De um lado o primeiro raciocínio: o gosto é um sentimento, algo relacionado aos sentidos do corpo, que tem a obra de arte como objeto a ser percebido pelos sentidos. Do outro, a ação seguinte à percepção inicial do gosto, a que adverte, julga, emite opinião, qualifica.

Segundo Voltaire, o historiador do século de Luís XIV⁵, em sua colaboração ao artigo da primeira edição da *Encyclopédie*, o *gosto* é dividido em *gosto físico* e *gosto das artes*; o que ele explica mais adiante em seu texto como *gosto sensório*⁶ e *gosto intelectual*.

O primeiro, relacionado à sensibilidade gustativa, sentido pelo qual se distinguem os sabores, segundo o autor, “produziu também a metáfora que exprime o sentimento das belezas e dos defeitos de todas as artes”. Assim ele afirma que o *gosto das artes* é como o *gosto sensório*: “é um discernimento rápido como o da língua e do palato, e que precede à reflexão”⁷.

O *gosto sensório* é simplesmente um sentimento, algo nato; o *gosto das artes*, ou o *gosto intelectual*, segundo Voltaire, está aliado à prontidão do discernimento, ao juízo⁸. Assim, o autor afirma que

não é suficiente para o gosto [das artes], ver, conhecer a beleza de uma obra; é necessário senti-la, e ser tocado. Não é suficiente sentir, e ser tocado de uma maneira confusa, é necessário separar as diferentes nuances, nada deve escapar da prontidão do discernimento; e é ainda uma semelhança desse gosto intelectual, desse gosto das Artes, com o gosto sensório [sensual]: assim o *gourmet* sente e reconhece prontamente a mistura de dois licores, o homem de *gosto*, o conhecedor,

⁵ ANDRE, Louis, 1957, p. 252.

⁶ O termo *gosto sensuel* [sensual] foi traduzido por *gosto sensório* por se tratar de um termo setecentista mais adequado a utilização de Voltaire. No original: *goût sensuel et goût intellectuel*. In: DIDEROT, M. e D’ALEMBERT, M. Op. Cit.

⁷ Tradução nossa. No original: “[...] *C’est un discernement prompt comme celui de la langue & du palais, & qui prévient comme lui la réflexion* [...]”. In: Idem

⁸ Id. Ibid.

verá num piscar de olhos prontamente a mistura de dois estilos; ele verá um defeito ao lado de uma aprovação [...]”⁹

Pela leitura dos textos de Voltaire é possível compreender em detalhes o resumo de Batteux, citado no início do texto, e tornar evidente que, ao menos na França no século XVIII, essas questões, a cerca do *gosto*, haviam alcançado uma unidade: a presença do lado sensório e intelectual no *gosto* das artes.

Outros autores importantes, envolvidos nessa discussão, também faziam uso dessa ideia bipartida do *gosto* das Artes para explicá-lo. Ao complementar o verbete de Voltaire, Montesquieu escreveu que “o gosto nos liga a algo por meio do sentimento, o que não impede que ele possa aplicar-se às coisas do intelecto; cujo conhecimento dá tanto prazer à alma que essa é mesmo a única felicidade que certos filósofos conseguem compreender.” (MONTESQUIEU, 2005, p. 17).

Montesquieu também apresenta as duas categorias do *gosto*, o sensório e o intelectual. O primeiro, para ele, é o movimento que dispara a relação com o objeto para em seguida obter uma ligação intelectual através do raciocínio.

Batteux quando se refere ao gosto sensório utilizado por Voltaire, diz que esse é o *gosto natural*, que está diretamente ligado à natureza, pois

dando-nos a faculdade de conhecer, ela [a natureza] não podia nos recusar a [faculdade] de sentir a relação do objeto conhecido com nossa utilidade, e a de sermos atraídos por tal sentimento. É esse sentimento que se chama gosto natural, porquanto nos foi dado pela natureza. (BATTEUX, 2009, p. 51–52).

Deste modo, temos esclarecida a divisão gosto sensório e gosto intelectual, e a presença de ambos no gosto das Artes. O gosto sensório é o gosto natural, ou seja, é o sentimento natural, primeira sensação do objeto; o gosto intelectual está relacionado à reflexão, discernimento sobre o que foi absorvido, ou reconhecido. Desta forma, podemos dizer que o gosto das Artes possui um primeiro estágio que é o gosto natural e um segundo estágio que é o julgamento após a reflexão.

Desta forma, o gosto das artes julga o bom e o mau conforme o quanto ele se aproxima ou se distancia das belezas que a natureza, a reflexão, a arte, a aprovação de muitos

⁹ Tradução nossa. No original: “*Il ne suffit pas pour le goût, de voir, de connaître la beauté d'un ouvrage; il faut la sentir, en être touché. Il ne suffit pas de sentir, d'être touché d'une manière confuse, il faut démêler les différentes nuances; rien ne doit échapper à la promptitude du discernement; & c'est encore une ressemblance de ce goût intellectuel, de ce goût des Arts, avec le goût sensuel: car si le gourmet sent & reconnaît promptement le mélange de deux liqueurs, l'homme de goût, le connaisseur, verra d'un coup - d'oeil prompt le mélange de deux styles; il verra un défaut à côté d'un agrément[...]”*. In: DIDEROT, M. e D'ALEMBERT, M. Op. Cit.

séculos, nos são familiares pelo estudo¹⁰. Pois o conhecimento apura os sentidos e, assim, influencia o julgamento de algo. Deste modo, o gosto das artes obtém uma nova categoria à qual autores franceses nomearam de *gosto artificial*.

Na definição do termo *gosto* do *Dictionnaire Portatif de Beaux Arts* [Dicionário Portátil das Belas-Artes] (Paris, 1752), encontramos três espécies de *gosto* em pintura. A primeira, o gosto natural, está relacionado à “ideia e ao talento que um pintor adquire consultando somente a natureza, sem ter recorrido às obras dos bons mestres”. A segunda, o gosto artificial [*artificiel*], “se forma por observar os quadros dos outros, em uma palavra, aquele que se obtém da educação”. A terceira, a qual não trataremos aqui, é o gosto nacional, que é o conjunto de “certas belezas ou certos defeitos que se perpetuam nas obras dos artistas de um mesmo país”¹¹.

A respeito do gosto artificial, Nicolas Racot de Grandval assegurava em seu *Essai sur le bon goust en Musique* [Ensaio sobre o bom gosto em Música], publicado em Paris em 1732, que o bom gosto é o sentimento natural purificado pelas regras. Através do estudo de regras específicas sobre um determinado assunto, o gosto natural, o primeiro impulso, adquire conhecimento, passando de um estado de juízo nato para a ação do discernimento, ou seja, o gosto adquirido [*acquis*].

Assim sendo, podemos observar que os autores concordam entre si, porém denominam de formas diferentes um mesmo conceito. Pretendemos esclarecer aqui que a utilização do termo *artificial* do dicionário das belas-artes possui o mesmo significado do conceito de *gosto adquirido* de Grandval, como podemos perceber nas definições anteriores; no entanto, fazem uso do termo artificial os autores que estão em conformidade com o princípio de imitação da natureza nas artes. Assim, tudo o que não é natural é artificial. Os que fazem uso do termo adquirido [*acquis*] são autores que estão em conformidade com um outro princípio muito em voga no século XVIII, o do empirismo, ou seja, da crença que todo o conhecimento provém unicamente da experiência¹².

¹⁰ LACOMBE, J. *Dicionário portátil das belas-artes*. [Dictionnaire portatif des beaux-arts, ou Abrégé de ce qui concerne l'architecture, la sculpture, la peinture, la gravure, la poésie et la musique]. Paris, 1752. p. 295,296. Acesso em 05/05/2011.

<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5400956f>

¹¹ Tradução nossa. No original: “*On distingue trois sortes de goût en Peinture. 1°: Le goût naturel, c'est-à-dire, l'idée e le talent qu'un Peintre acquiert en consultant seulement la nature, sans avoir recours aux Ouvrages des bons Maîtres.[...]. 2°: Le goût artificiel; c'est le goût qu'on se forme par la vue des tableaux d'autrui; c'est en un mot, celui qu'on tient de l'éducation.[...]. 3°: On appelle goût national, certaines beautés ou certaines défauts qui se perpétuent dans les Ouvrages des Artistes d'un même pays*”. Id. Ibid.

¹² HOUAISS, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

Deste modo, as espécies do gosto, citadas anteriormente, estão presentes nas opiniões sobre *gosto* nas artes no século XVIII. Os conceitos de gosto natural e gosto artificial, estão mais claramente expostos na definição moderna do dicionário de música francesa de Benoit (1992) onde a autora diz que *gosto* no século XVIII

é aquilo que, para certos músicos e melômanos dos séculos XVII e XVIII, se identificava como a submissão às regras; para outros, o gosto deveria estar próximo da natureza, do natural, ou seja, aliado ao impulso primeiro do instinto e não somente dependente da arte e do seu conjunto de regras.¹³

Pela visão de todos os autores, setecentistas e modernos, o gosto é uma opinião emitida após uma apreciação crítica sobre algo. Isso pode estar relacionado ao discernimento e, também, pode estar baseado em critérios particulares [gosto natural] como preferência, entendimento. Ele pode ser constituído de algo nato somado a um fator inconstante que afeta, muda, aumenta e diminui, através do espírito, ou seja, do raciocínio mais o aprendizado [gosto artificial].

Em seu tratado, Batteux explica que o *gosto* é o juiz nato de todas as belas-artes (2009: 18) e que seu objeto é o bom e o belo. Na definição do termo gosto do responsável pelo prefácio¹⁴ do *Grand Motet: De Profundis* de Michel Richard Delalande, da edição de 1729. O autor anônimo, desenvolveu o assunto *gosto* dizendo que é

[...] Um sentimento natural que tem a alma, e que é independente de todas as ciências que se pode adquirir. O gosto não é outra coisa que uma certa relação que se encontra entre o espírito e os objetos que à ele se apresentam: enfim, o bom gosto é o primeiro movimento, ou seja, uma espécie de instinto da razão que a provoca com rapidez e que a conduz mais certamente que todos os raciocínios que ela poderia fazer. [...] ¹⁵

O autor do prefácio dos motetos de Delalande, apresenta a definição do que chamamos anteriormente de gosto natural como um sentimento natural que se dá na alma e que está livre de todas as influências externas, que está livre de algo que se possa aprender. Não obstante, afirma também que a relação entre o espírito e seus objetos está associada ao bom gosto, a um exercício da razão, a qual aqui já entendemos como *gosto artificial*. Sendo

¹³ Benoit, 1992, p. 324.

¹⁴ Autor desconhecido

¹⁵ Tradução nossa. No original: “[...]qu’est-ce que le gout ? Un sentiment naturel qui tient à l’âme, e qui est indépendant de toutes les sciences qu’on peut acquérir. Le goût n’est autre chose qu’un certain rapport qui se trouve entre l’esprit e les objets qu’on lui présente : enfin le bon gout est le premier mouvement, on pour ainsi dire, une espèce d’instinct de la droite raison qui l’entraîne avec rapidité, e qui la conduit plus sûrement que tous les raisonnements qu’elle pourrait faire.[...]” In: DELALANDE, 1992, p. 16.

assim, o grau de nosso conhecimento, ou refinamento do nosso gosto, determina de que forma somos afetados por uma obra de arte, e segundo Batteux, é o gosto que estabelece esse juízo.

Montesquieu esclarece que “a arte fornece as regras, e o gosto as exceções; o gosto nos diz quando a arte deve governar e quando deve ser governada” (2005: 70). Sendo assim, o gosto pode se apropriar de um conjunto de regras já consolidadas de uma determinada arte, e, ao mesmo tempo, pode ser independente delas.

Percebemos então que o gosto nas Artes no século XVIII era constituído de um aspecto disparador e natural somado a um aspecto intelectual gerado pelo grau de conhecimento do indivíduo em uma determinada Arte. Esse conhecimento estava diretamente ligado ao quão afetado pela obra de arte estaria o seu apreciador, e aos seus argumentos inteligentes para discussão da qualidade de uma determinada obra. Portanto, para os apreciadores setecentistas das artes, quanto maior o grau de conhecimento do conjunto de regras da arte apreciada, mais provido de bom gosto estava o seu apreciador.

Referências

- ANDRE, L. *Luis XIV y Europa*. México: UTEHA, 1957.
- BATTEUX, C. *As Belas-Artes reduzidas a um mesmo princípio*. (Paris, 1746). Trad. Marco Aurélio Werle (dir.). São Paulo: Humanitas, 2009.
- BENOIT, Marcelle. *Dictionnaire de la Musique en France aux XVIIe et XVIIIe siècles*. Paris: Fayard, 1992.
- DELALANDE, M. R. Préface. *Grand Motet : De Profundis* (Psaume 129). Paris, 1729. Edição fac-similar: Courlay. Paris: Editions J. M. Fuzeau, 1992.
- DIDEROT, M., D’ALEMBERT, M. *Enciclopédia ou Dicionário fundamentado das Ciências, das Artes e dos Ofícios* [Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers] Paris, 1751-1765. Disponível em http://membres.multimania.fr/urnantes/Cadres%20Dossiers%20en%20Ligne/Dossier_s_en_ligne/Philosophie/Encyclopedie/Encyclopedie_gout.htm. Acesso em 25/01/2012.
- GRANDVAL, N. R. de. *Essai sur le Bon Goust en Musique*. Paris: Prault, 1732. Paris: Minkoff, 1992.
- HOUAISS, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- LACOMBE, J. *Dicionário portátil das belas-arts*. [Dictionnaire portatif des beaux-arts, ou Abrégé de ce qui concerne l’architecture, la sculpture, la peinture, la gravure, la

poésie et la musique]. Paris, 1752. Disponível em
<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5400956f>. Acesso em 05/05/2011.

MONTESQUIEU, C. de S., B. de. *O Gosto*. Trad. e Posfácio: Teixeira Coelho. São Paulo: Iluminuras, 2005.